



ADRIANO MESSIAS



A VESPA ASSASSINA

romance biológico juvenil

Ilustrações de
JACK AZULITA

Blucher

ADRIANO MESSIAS

A VESPA ASSASSINA

romance biológico juvenil

Ilustrações de
JACK AZULITA

Blucher

A vespa assassina - romance biológico juvenil

© 2024 Adriano Messias

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenador de infantojuvenil Adriano Messias

Coordenação de produção Andressa Lira

Produção editorial Thaís Pereira

Diagramação Frederico Moreira

Capa Frederico Moreira

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

[contato@blucher.com.br](mailto: contato@blucher.com.br)

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6.
ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora
Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP) – Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Messias, Adriano

A vespa assassina : romance biológico juvenil /
Adriano Messias ; ilustrações de Jack Azulita. - São
Paulo : Blucher, 2024.

88 p. : il., color.

ISBN 978-85-212-2271-2

1. Literatura infantojuvenil brasileira I. Título
II. Azulita, Jack

24-4222

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura infantojuvenil brasileira



O filósofo Ludwig Wittgenstein, em sua obra *Investigações filosóficas*, nos disse que se um leão por acaso pudesse falar, não o entenderíamos. Há, porém, um entendimento possível que cabe ao *sapiens* em relação aos demais seres vivos: aquele sedimentado no respeito aos *habitats* e ecossistemas. Estudos densos sobre a percepção de mundo inerente a cada espécie – campo de pesquisa também aberto à biossemiótica, à zoossemiótica e à ecossemiótica – ainda estão por ser realizados.

Por muito tempo, insistimos na cisão “natureza” *versus* “cultura” e os resultados foram catastróficos: somos tão natureza quanto uma vespa o é, mas transformamos irresponsavelmente a biota, como se não fôssemos parte dela. As consequências de nossos atos são sofridas diariamente, a exemplo das alterações climáticas e do aquecimento das águas oceânicas.

A vespa assassina é uma obra de ficção científica, mas está calcada em vários exemplos de modificações ecológicas causadas por nós.

Se a leitura é pura fruição, por trás do enredo reside o convite a um posicionamento ético.

Adriano Messias
escritor e semioticista

SUMÁRIO



* Cada capítulo é acompanhado de uma música sugerida para ser escutada enquanto se lê.

Ouverture	7
(<i>Boys don't cry</i> , The cure)	
Capítulo 1: A invasão	8
(<i>Mrs. Robinson</i> , Simon & Garfunkel)	
Capítulo 2: Anotações aleatórias no diário de Marlon Guêpe sobre a vespa cavalo-do-cão, seguidas de um desenho feito a lápis	13
(<i>Spiral</i> , Vangelis)	
Capítulo 3: A proposta	16
(<i>Sweet child o'mine</i> , Guns N' Roses)	

Capítulo 4: O último voo	23
(<i>Life on Mars?</i> , David Bowie)	
Capítulo 5: O primeiro ataque	30
(<i>House of the rising sun</i> , The Animals)	
Capítulo 6: Crime ambiental	39
(<i>Symphony No. 9 in E Minor, Op. 95, B. 178</i> , Antonín Dvořák)	
Capítulo 7: A explosão	46
(<i>Mercedes Benz</i> , Janis Joplin)	
Capítulo 8: Terror no banheiro	56
(<i>Pour ne pas vivre seul</i> , Dalida)	
Capítulo 9: Picadas mortais	72
(<i>Gods & Monsters</i> , Lana Del Rey)	
<i>Post-script</i>	88
(<i>Brain damage</i> , Pink Floyd)	



Ouverture

Diz um mito dos indígenas Andoke, da Colômbia, que a vespa cavalo-do-cão, à qual eles chamam de ikodo ou saditau, representa o pagamento simbólico para a caçada de uma onça.

É que quando a vespa leva uma aranha abatida numa briga para seu ninho, isso equivale ao feito de um indígena que abate um jaguar e o leva de presente até a maloca de seu cunhado. Porém, no mito, este último se esquece de oferecer folha de coca ou sumo de tabaco como agradecimento. Tal desatenção faz com que seu filho seja enfeitiçado pelo espírito do felino, vindo a morrer.

Os indígenas lidam com o mundo a partir de uma sabedoria ancestral, mas nós temos gerido nossa parte da civilização da pior maneira possível: a ganância do capitalismo tardio devasta povos, espécies, rios, montanhas e árvores.

Esta história, baseada em um enredo totalmente inventado – mas não de todo impossível –, nos faz pensar sobre quem é a verdadeira espécie assassina.

Mas saiba que, apesar do teor ficcional, são verdadeiras as informações biológicas e culturais presentes neste romance de aventuras, bem como o incidente ambiental causado na Serra da Mantiqueira nos anos de 1990 por conta da poluição química de cursos d’água.

Já o vazamento químico que causou a mutação genética nas vespas cavalo-do-cão é de ordem puramente criativa.

Capítulo 1

A invasão

As vespas começavam a invadir o chalé, vindas de todos os lados do bosque. Elas atravessavam imperceptíveis brechas na madeira das paredes, as quais existiam em lugares estratégicos, talvez resultado de deformações na própria celulose. Aquilo dava um tom assustador à cena, pois parecia que os bichos brotavam das tábuas das árvores mortas que um dia foram sacrificadas para serem transformadas em rústica habitação.

A avó, em desespero, entrou no armário de roupas de inverno que havia na sala, pouco depois da lareira, mas também não se sentiria segura lá: a porta era feita em treliça e os insetos poderiam passar por suas aberturas.

Devanir, o pai, estava ao chão, encolhido como um feto sobre o tapete e estrebuchando de dor, incapaz de pensar e agir. Parecia atingido por uma carga elétrica interminável, que lhe produzia suor intenso, vermelhidão e o fazia contrair todos os músculos dolorosamente. Até mesmo puxar o ar para os pulmões era penoso.

Da cozinha, veio o filho Marlon com um chumaço de estopa acesa, esfumaçando o ambiente.

– Vamos ficar sufocados assim! – gritou o irmão Lonmar, trazendo um balde com água para colocar a estopa dentro.



Restou aos gêmeos se meterem ambos sob uma das grossas mantas do sofá e ficarem imaginando como socorrer o pai que, minutos antes, teve a péssima ideia de subir no teto do chalé para ver se conseguia apanhar algum sinal de celular. Quando descia pela escada de alumínio colocada lá fora, no jardim, topou com uma vespa feroz, que o atingiu em cheio no pescoço. Só teve tempo de entrar em casa, caminhar até o meio da sala e agonizar.

Marlon temia que já fosse tarde demais para todos voltarem em segurança do malsucedido feriado de inverno na Serra da Mantiqueira.

Lonmar resolveu sair do esconderijo e arrastar o irmão com certa urgência em direção à porta de vidro que separava a sala da lareira da varanda externa, e então apontou, com pavor, o céu lá fora: as nuvens claras e baixas que começavam a cobrir o céu azul permitiram com que eles adivinhassem centenas de insetos que os estavam cercando.

– Eu sabia, meu Deus! Eu sabia que o fim do mundo estava para chegar, só não imaginava que fosse por meio dessa terceira praga do Egito!.. – reclamava a avó de dentro do armário, enquanto os netos retornavam para observar o pai.

– Não adianta fazer nada agora, Lonmar. Daqui a uns cinco minutos, toda essa dor vai passar e papai conseguirá se levantar. – advertiu Marlon ao ver o sofrimento do caçula.

A voz de Stella Maris lhes chegava abafada, não só por ela estar atrás de portas, mas também por conta do choro que a invadia.

Lonmar, cada vez mais assustado, comentou:

– A terceira praga foi de mosquitos e piolhos, vovó. Aqui temos algo muito pior: cavalos-do-cão.

A mulher gritou horrorizada e, em seguida, pediu seus cigarros.

– Está louca, vó? – reprovou Marlon. – A senhora não pode ficar fumando dentro de um armário de roupas.

Dali em diante, não houve tempo de pensar mais. O chalé estava rodeado por um inexplicável enxame furioso, formado por marimbondos até então conhecidos por serem solitários e associais.

No andar de cima do chalé, portas e janelas tinham sido bem lacradas com fitas adesivas. O forro havia sido inspecionado com minúcias por Devanir e os rapazes, mas eles se esqueceram de um detalhe arquitetônico pouco comum no Brasil e que, por isso, passou despercebido: a lareira. Para azar daquela família, ela se encontrava apagada.

Lonmar, num impulso, começou a se esgoelar, movido por um medo que nunca sentira na vida: as vespas desciam pela chaminé e, inteligentíssimas, faziam um voo rasante antes de se posicionarem próximas ao teto da sala, onde não poderiam ser importunadas. Também se espalhavam pela mobília e pelos enfeites. Daquela forma, aos pares ou aos trios, elas se juntavam. Em um silêncio incômodo, pareciam estar analisando atentamente o cenário até uma derradeira tomada de decisão.

Os gêmeos sentiam o coração lhes bater na garganta. A avó chorava baixinho e o pai continuava mergulhado em seu tormento.

– *Caspita*, acho que tínhamos mesmo de passar por isso.
– declarou Lonmar em tom profético.

– Não, não tínhamos. – contestou o irmão. – Não tínhamos e não teremos.

Porém, no fundo d'alma, ele também sabia que as chances de saírem vivos de um ataque daqueles era mínima. Estava petrificado de pavor, mas achava que, por obrigação, deveria demonstrar uma colossal coragem e uma vontade de viver tão densa como uma cordilheira...

Um livro dinâmico e até com trilha sonora! Assim é *A vespa assassina*, que traz ao leitor o sabor das narrativas tanto literárias quanto cinematográficas que se celebrizaram nos anos setenta e oitenta por conta de animais peçonhentos que ficavam fora de controle.

Neste romance ágil de Adriano Messias, um abnegado pai, seus gêmeos adolescentes e uma avó manipuladora vão passar alguns dias em um chalé no alto da Serra da Mantiqueira. Em vez de simpáticos animaizinhos de campos e de bosques, eles vão encontrar a temida vespa cavalo-do-cão, espécie biológica solitária que, no enredo, assume um estranho comportamento social e agressivo. De fato, o inseto existe e é um dos que produzem o mais intenso nível de dor em sua vítima, a ponto de o humano picado ficar imóvel no chão, como se tivesse levado um forte choque elétrico. Porém, essa vespa raramente ataca pessoas, preferindo aranhas como presas.

Em meio a densos dramas familiares e a perturbações emocionais que precisam de entendimento, destaca-se ainda a temática do crime ambiental e da omissão política.

Uma obra que nos faz pensar sobre o impacto de nossa espécie no planeta e sobre o descontrole - interno e externo - que acompanha o *sapiens* por onde quer que ele passe.



ISBN 978-852122271-2

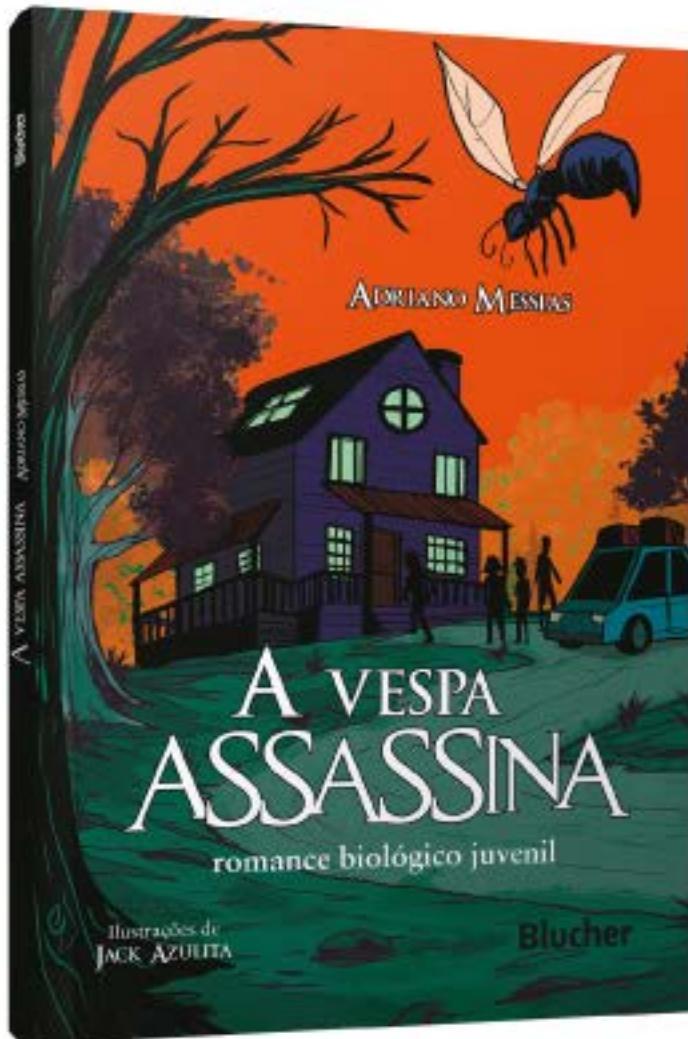


9 788521 222712



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

A vespa assassina

Romance biológico juvenil

Adriano Messias

ISBN: 9788521222712

Páginas: 88

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
